

AS ASSOCIAÇÕES NEGRAS BRASILEIRAS E SUAS FACES FEMININAS

META

Apresentar ao aluno uma síntese do processo de mobilização das associações negras nos séculos XIX e XX enfatizando a luta por igualdade racial uma história.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer panorama sintético do surgimento e organização de diversas associações negras ao longo dos séculos XIX E XX; conhecer o papel das mulheres nesse processo de luta; entender o controle estabelecido pela Polícia Política dos anos trinta sobre a Frente Negra Brasileira e o Centro de Cultura Afro-Brasileiro;

conhecer a atuação fora dos palcos do Teatro Experimental do Negro através da Convenção do Negro de 1945 (São Paulo) e da organização da 1ª Conferência do Negro Brasileiro de 1949.

PRÉ-REQUISITOS

ler nas diretrizes curriculares a parte relativa ao movimento negro.



Núcleo do Teatro Experimental do Negro. SP/SP – 1951 Diretor Solano Trindade.
(Fonte: <http://www.daescola.com.br>)

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX foram organizadas diversas associações negras no Brasil. Pode-se falar da existência e atuação de formas associativas criadas desde o século XIX, como os candomblés, os quilombos, as irmandades, clubes, entre outros, que atuaram como núcleos de mobilização social, política e cultural. Cabe sublinhar o papel relevante desempenhado pelas mulheres na organização das associações negras ao longo deste período. Bem como o controle da polícia política, na década de 1930, em relação a esses grupos. Nossa aula também analisará o surgimento de três importantes entidades nas décadas de 1930 e 1940: o Centro de Cultura Afro-Brasileira, A Frente Negra Brasileira e o No Teatro Experimental do Negro. Este, um grupo fundado com o objetivo de denunciar as práticas racistas estabelecidas nos palcos brasileiros e criar espaços para a formação e atuação dos atores afrodescendentes



Encontro da Frente Negra Brasileira, São Paulo, 1932.
(Fontes: <http://www.blackpast.org>)

AS ASSOCIAÇÕES NEGRAS BRASILEIRAS E SUAS FACES FEMININAS

Ao longo do século XX foram organizadas diversas associações negras no Brasil. Pode-se falar da existência e atuação de formas associativas criadas desde o século XIX, como os candomblés, os quilombos, as irmandades que atuaram como núcleos de mobilização sócio-política. No Rio de Janeiro, em 1833, foi fundado o jornal *Homem de Cor*, considerado o primeiro órgão da imprensa negra. Ao longo deste século surgiram outras iniciativas como a Sociedade de Dança Beneficente de Floresta Aurora, 1872. A proliferação dessas entidades, do nordeste ao sul, seguiu na passagem do século XIX para o XX. Em 1892 foi fundado em Pelotas o jornal *O Exemplo*, e em 1907, na mesma cidade, surge *A Alvorada*, dando espaço para as mulheres negras externarem suas ideias, defenderem políticas educacionais voltadas para as crianças e adultos afrodescendentes. A partir da década de 1910 a imprensa negra consolidou-se em São Paulo com a fundação dos jornais *O Bandeirante* (1910), *O Menelick e Princesa do Oeste* (1914); *União e O Alfinete* (1918); *A Protetora*, *O Getulino e A Liberdade* (1919). Em torno do compromisso com a educação negra foi fundado em 1920 o Centro Cívico Palmares a partir do qual surgiu em 1924 o periódico *O Clarim*. Naquele período houve a fundação de outros importantes jornais como é o caso de *O Kosmos e O Elite* (1924); *O Auriverde* (1928) e *O Progresso* (1932). Uma boa parte dessas organizações esteve ligada as atividades culturais como clubes e agremiações, com significativa participação feminina na organização de festas e concursos de beleza, promovidos com o objetivo de valorizar positivamente a estética negra (SCHUMAHER & VITAL BRAZIL, 2007. p. 293-294).

Com o golpe de Estado de 1930 tem início a chamada Era Vargas e um processo de polarização política e ideológica, em torno de dois grupos, a saber. No campo político à esquerda situava-se a Aliança Nacional Libertadora (ANL), em posição antagônica a Ação Integralista Brasileira (AIB). Contudo, tanto as organizações de base popular, quanto as das elites não incluíam em suas pautas de prioridades as demandas das populações afrodescendentes. Nessa conjuntura no dia no dia 16 de setembro de 1931 foi fundada a Frente Negra Brasileira. De seu núcleo original fez parte Isaltino Veiga dos Santos, Francisco Costa Santos, David Soares, Horário Arruda, Alberto Orlando e Gervásio de Moraes. A Frente Negra Brasileira teve no jornal *A Voz da Raça* seu principal canal de comunicação. Uma característica deste periódico, naquela conjuntura histórica, foi a sistemática recusa ao ideário do branqueamento e valorização positiva da negritude. Sendo esta estratégia parte integrante do processo de arregimentação de novos fretenegrinos. “Negro, não te envergonhes de ser negro! Alista-te nas fileiras fretenegrinas, si é que queres elevar o nível moral e intelectual do negro” (DOMINGUES, 2008, p.61-62).

Em pouco tempo a Frente Negra Brasileira conseguiu reunir um grande número de associados. Cinco anos após a sua fundação contava com mais de sessenta delegações instaladas no interior de São Paulo e nos estados de Minas Gerais, Maranhão, Pernambuco, Espírito Santo e Rio de Janeiro e manteve contato com organizações homônimas no Rio Grande do Sul e Bahia. Em função do elevado número de delegações há uma controvérsia em relação à quantidade de seus integrantes. As estimativas vão da existência de seis a quinze mil membros, na capital paulista, ou trinta a duzentos mil quando contabilizada as delegações em todo país. (DOMINGUES, 2008, p-62)

Na **Frente Negra** as mulheres desempenharam um importante papel, quer seja na implementação das atividades de seu departamento, quer seja nas atividades financiadoras da instituição. Os cursos de alfabetização, denominado como “Educação, moral e cívica”, foram desenvolvidos por professoras voluntárias cuja mobilização permitiu que aqueles espaços funcionassem como escolas. Para isso as professoras deslocavam-se entre os diversos bairros da capital São Paulo e os municípios do interior do estado. Parte significativa do suporte financeiro da Frente Negra originava-se nos bailes organizados pelas Rosas Negras, grupo de mais de 30 mulheres, liderado por Benedita da Costa. As Rosas Negras viabilizavam toda a infra-estrutura dos bailes, ocorridos na capital em espaços como o Salão Verde, do edifício Martinelli, um local onde o acesso aos afrodescendentes antes era proibido. (SCHUMAHER & VITAL BRAZIL, 2007. p. 295-296).

Em 1941, durante a vigência do Estado Novo, foi criada a Associação José do Patrocínio dedicada a analisar o problema de discriminação vivenciado pelas empregadas domésticas em função do “requisito da ‘boa aparência’”. Como desdobramento da ação desta associação, surgiu o Movimento de Educação e Cultura, Mabec. Na São Paulo de 1945 foi fundada a Associação do Negro Brasileiro, com seu braço impresso o jornal Alvorada (SCHUMAHER & VITAL BRAZIL, 2007. p. 297). No ano anterior, em 1944 Abdias do Nascimento, Aguinaldo Camargo e Sebastião Rodrigues Alves, fundaram o Teatro Experimental do Negro foi fundado com o objetivo de promover uma valorização positiva das populações e culturas de origem africana, resgatando e afirmando essa cultura. As artes cênicas foi o principal mote dessa associação, também envolvida em outras frentes de lutas. Enfatizo que trataremos do Teatro Experimental do Negro enquanto grupo de teatro na próxima aula. Mas, por hora, vale apenas citar a sua atuação no campo educacional. Segundo Schumacher e Vital Brasil, os cursos de alfabetização chegaram a reunir cerca de 800 alunos, cujo perfil sócioeconômico era o de empregadas domésticas, operários, desempregados, entre outros (SCHUMAHER & VITAL BRAZIL, 2007. p. 297). Além da organização de congressos e seminários, entre 1948 e 1950, o TEN possuiu um braço impresso o jornal Quilombo. A recente publicação de seu fac-símile nos permite observá-lo como um importante canal de comunicação do grupo, onde estão registrados seu diálogo com o ativismo negro e intelectuais do Brasil e do Exterior.

Frente Negra

Estava estruturada em departamentos os quais tratavam de atividades como educação, esporte, música, lazer e cultura.

No Teatro Experimental do Negro as mulheres também desenvolveram um papel significativo. Entre as diferentes atividades exercidas pela assistente social Maria de Lurdes Vale do Nascimento, destaca-se a coordenação do departamento feminino e a gerência do jornal Quilombo. Em 1950 fundou o Conselho Nacional das Mulheres Negras, uma das frentes do grupo. Seu objetivo era investigar questões atinentes ao feminino e a infância. O Conselho contava com um departamento jurídico, voltado para esse fim, mas também para a promoção de estratégias de inclusão da população afrodescendente, no âmbito da cidadania, tais como a obtenção de certidão de nascimento e carteira de trabalho.

Arinda Serafim, Marina Gonçalves e Ruth de Souza, teriam atuados dentro e fora dos palcos onde o TEN encenou suas peças. Juntas sobressaíam como liderança política da associação. “Em 1946 as três participaram da criação da Associação das Empregadas Domésticas”. No ano de 1950 Elza de Souza e Arinda Serafim, assumem a diretoria da associação. Em período posterior foram sucedidas por Léa Garcia, Ilena Teixeira e Marietta Campos Damas (SCHUMAHER & VITAL BRAZIL, 2007. p. 298).

ASSOCIAÇÕES NEGRAS E A CIDADANIA NO ESTADO NOVO

A documentação produzida pelo DOPS nas décadas de 1930 nos fornecem algumas pistas sobre a formação das associações negras durante a Era Vargas. Uma delas é a de que as Associações Negras possuíam em torno de si um arco de alianças compostos por intelectuais ativistas negros e intelectuais já estabelecidos e ligados à academia. Mas é a extremada atenção que a polícia política de Vargas dispensava à construção, ação e trajetória dos envolvidos na organização dessas associações que convém sublinhar. A documentação nos permite reconstruir aspectos das trajetórias e das alianças das associações negras, suas redes de relações e vinculações políticas.

A entrevista com o Sr. Antônio Francisco Napoleão, Delegado da Frente Negra Brasileira, no Rio de Janeiro, concedida ao jornal *À Noite*, encampado pelo Governo Vargas, indica alguns limites para a atuação daquelas organizações naquele período. O artigo “A Frente Negra Solidária com o ministro do trabalho”, foi publicado em janeiro de 1937. Dez meses antes do fim do registro da FNB como partido político no Supremo Tribunal de Justiça Eleitoral devido aos limites impostos pela Constituição 1937. O líder defensor da “causa de sua raça contra certos preconceitos injustificáveis entre nós” vinha a público prestar a “irrestrita solidariedade” da F.N.B ao então Ministro do Trabalho e da Justiça, Agamenon Magalhães. Sem citar o autor, a matéria informa ter partido da Câmara, a acusação ao Ministro de “cultivar simpatias pelos extremistas”. Diante do controle policial sobre as práticas políticas, devia fazer algum sentido para os integrantes dos movimentos sociais colocar-se em sintonia com as ideias do regime vigente. “A F.N.B que combate e combaterá

sempre qualquer extremismo, não pode calar sua repulsa a tais acusações intempestivas e descabidas”. Afirmo o Sr. Napoleão” (SILVA, 2009).

Na seção “Porque até agora não pode funcionar aqui a sede da F.N.B”, escrita assim mesmo em negrito, o Sr. Napoleão explica a inexistência da sede da FNB no Distrito Federal. A polícia não teria negado a “licença para isso, sob o pretexto de estarmos sob o regime de estado de guerra”. E mais a FNB carioca seria “composta de gente ordeira e trabalhadora, integrada definitivamente no apoio incondicional ao regime em vigor”. Além do argumento de integração e apoio ao governo Vargas, merece destaque o papel legitimador do Professor João Cabral através de sua defesa ao processo de reconhecimento da seção carioca, como partido, junto ao Tribunal Eleitoral (SILVA, 2009).

A história do Centro de Cultura Afro-Brasileiro e da trajetória do poeta Solano Trindade, bem como de sua ação política, também foram mapeadas pela polícia política. Um memorando de outubro de 1944 informa que o CCAB teria por objetivo “melhorar as condições de vida dos negros brasileiros”. Suspeitava-se que “O Centro seria uma fachada” e estaria infiltrado de comunistas. Em junho, daquele mesmo ano, a polícia teria sido avisada “que membros do ‘Centro’ distribuíam folhetos a respeito da discriminação contra negros nos Estados Unidos”. Através de um questionário a polícia buscou dados sobre o CCAB, seu endereço, nome e número de seus integrantes, informações de seus arquivos, entidades financiadora, ligação com o comunismo, entre outros. O delegado de polícia também quer saber se o CCAB: “Está amparado por indivíduos preeminentes?” (SILVA, 2009)”.

O memorando que responde as doze perguntas informa que o CCAB situava-se a Rua São José, 84, 2º andar. Foi fundado em 24 de março de 1936 por Solano Trindade, Miguel Barros e Vicente de Lima, também sócio correspondente da sucursal pernambucana. Seu projeto era “trabalhar pela melhoria do povo brasileiro”. Para isso pretendia organizar um Teatro Social e o “combate sistemático ao complexo de inferioridade racial, curso de preparação profissional, reuniões culturais, cívicas e recreativas. Entre os “indivíduos preeminentes” a ampará-lo consta o nome do Professor Arthur Ramos. O Centro não estaria ligado a nenhuma outra sociedade. Mas haveria notícias da existência de uma sociedade “norte-americana, idêntica ao Centro”, segundo a “referência” feita na “palestra do Professor Arthur Ramos”(SILVA, 2009)

A documentação produzida pelo DOPS revela a recorrência das relações de aliança estabelecida entre os intelectuais e duas associações de afrodescendentes. As atividades do CCAB parecem não ter sido um acontecimento desprezível, pois dela Arthur Ramos preservou alguns registros em seu arquivo pessoal. Através da conferência de Arthur Ramos os membros da CCAB estiveram em contato com as certas informações a respeito das associações norte americanas. Alguns anos antes Arthur Ramos havia publicado, em seu livro, a história e o Manifesto do CCAB. Segundo este documento o Centro também reivindicava a isenção político partidária. E

possui o compromisso público de não fazer: “lutas de raças contra raças, porém ensinaremos aos nossos irmãos Negros que não há raça superior nem inferior e o que nos faz distinguir um dos outros é o desenvolvimento cultural” (SILVA, 2009). Segundo a documentação do DOPS Solano Trindade conhecia Abdias do Nascimento e o foi visitá-lo na prisão em 1944. Além disso, ambos foram acusados de envolvimento com o comunismo. Parece que estes atores sociais possuíam algo a mais em comum, além de seus ativismos antirracistas: problemas políticos. Além disso, as associações negras em que se envolveram foram literalmente um caso de polícia.

O TEN e a Convenção Nacional do Negro Brasileiro.

O grupo de teatro fundado com o objetivo de denunciar as práticas racistas estabelecidas nos palcos brasileiros e criar espaços para a formação e atuação dos atores afrodescendentes no decorrer do tempo tem as suas funções e atribuições ampliadas. Um exemplo destas ações fora dos palcos foram as críticas aos estudos Afro-Brasileiros apresentados nos Congressos de 1934 (Recife) e 1937 (Bahia). Para o TEN era necessária a substituição da perspectiva desses estudos por uma que contemplassem a busca para as soluções das demandas das populações afrodescendentes também definidas como o “problema do negro”. Com esse fim colaborou com as Convenções do Negro de 1945 (São Paulo) e 1946 (Rio de Janeiro) e organizou a 1ª Conferência do Negro Brasileiro de 1949 e o 1 Congresso do Negro Brasileiro de 1950. Neste ano o TEN também articulou a candidatura de Abdias do Nascimento para as eleições municipais (DOMINGUES, 2008, p-73; SILVA, 2005).

“Convenção Nacional do Negro Brasileiro” é o título do documento anexado a uma carta com data de 30 de dezembro de 1945 traz um manifesto aprovado pela convenção do Negro Brasileiro em Assembléia Nacional. As palavras “MANIFESTO À NAÇÃO” e “PATRÍCIOS NEGROS”, escritas assim mesmo, em caixa alta, indicam a quem o documento se dirigia, de fato. E assim, situava o seu pleito dentro dos limites de duas noções caras nos anos quarenta: nação e redemocratização. A documentação do período indica que o cenário político das décadas de 1930 e 1940 influenciou a tomada de posições dos intelectuais e dos movimentos sociais. O manifesto foi a resultante do trabalho desenvolvido pelos “negros do Brasil”, representados na Convenção Nacional. Segundo o documento, durante o encontro os participantes teriam analisado “escrupulosamente” e “detidamente” a condição em que se encontravam naqueles dias, a população afrodescendente no Brasil. Sendo esta fruto das relações existentes entre as “injunções do passado” e as “conjunções do presente”. Na conclusão do Conselho Nacional do Negro Brasileiro as populações de origem africana não tiveram plenamente atendidas as suas expectativas em relação à abolição da escravidão. Uma alternativa para atendê-la seria a: “unificação e coordenação de todos os nossos esforços e anseios para que o ideal de abolição se torne hoje em dia e para o futuro uma

realidade expressiva sob todos os títulos”. Para isso era necessária a superação dos “prejuízos” dos libertos, em função da “ordem econômica” bem como, na “ordem moral e espiritual” vivida (SILVA, 2005, p.95).

O documento revela a consciência dos participantes da reunião em relação à positividade das contribuições das populações e culturas de origem africana no processo de formação da sociedade brasileira. Na interpretação dos integrantes daquele movimento social, lhes faltaria, pois, a coragem para a utilização “dessa força por nós mesmos”, bem como o exercício da autodeterminação, ou como preferiram: “segundo a nossa orientação”. Para aqueles homens se fazia necessária a união para tornar exequíveis seus propósitos. A estratégia da união e da reafirmação da identidade afrodescendente parece ter sido um recurso importante na execução dos postulados deste movimento social. Outro ponto que merece a nossa atenção é a deliberação retirada da Convenção Nacional do Negro Brasileiro de serem os próprios afrodescendentes os “únicos responsáveis por nossos destinos” (SILVA, 2005, p.95-96).

O Conselho Nacional do Negro Brasileiro decidiu pela autonomia na reflexão intelectual da situação sócio-cultural das populações de origem africana no Brasil. “Não precisamos mais de consultar a ninguém para concluirmos da legitimidade dos nossos direitos, da realidade angustiosa de nossa situação”. O documento ainda lança um alerta ao afrodescendente: contra as “várias forças interessadas em nos menosprezar e condicionar, mesmo, até o nosso desaparecimento” (SILVA, 2005, p.97). Provavelmente os signatários deste documento referem-se a teses de hierarquias raciais como a do menor valor mental do negro, defendidas por Oliveira Vianna e refutadas por Arthur Ramos entre 1933 e 1949 (SILVA, 2005, p. 125-165)

O Teatro Experimental do Negro foi definido por Abdias Nascimento como uma entidade cuja atividade não seria exclusiva aos palcos. O TEN seria um “movimento” cuja função fora “inspirada pelo imperativo da organização social de gente de cor”. Um dos seus objetivos seria “a elevação de seu nível cultural e seus valores individuais”. A iniciativa se justifica, pois, “o espírito associativo é atributo da massa esclarecida e de elevado padrão cultural”. Em uma passagem sucinta o documento traz uma análise da gênese de diversas “associações de homens de cor” apontando os limites para as suas ações e o modo de superá-los. O documento ainda conclui que no estudo das “associações de homens de cor neste país” se encontra a comprovação de que: “a maioria delas tem fracassado precisamente por carecerem daquilo que poderemos chamar de atitude para lutar – de modo direto e imediato – contra a injustiça e a discriminação de cor” (SILVA, 2005, p. 99).

A falta de uma “tática sociológica” teria levado ao agravamento da solução “do problema de uma grande parte da população brasileira”. Quando não sustentavam inspirações políticas “algumas vezes legítimas e a maioria das vezes inconfessáveis” as quais sustentavam projetos pessoais e não coletivos. Dada a fragilidade deste tipo de associações sua vida e ação são curtas e/ou precárias. (SILVA, 2005, p. 100).

A Convenção Nacional do Negro Brasileiro se integra à busca para as

soluções das demandas das populações afrodescendentes também definidas como o “problema do negro”. O “Manifesto à nação” e aos “Patrícios Negros”, enfatiza essa posição ao delibera pela autonomia na reflexão intelectual sobre essa matéria. “Não precisamos mais de consultar a ninguém para concluirmos da legitimidade dos nossos direitos, da realidade angustiosa e nossa situação” (SILVA, 2005, p. 102). A 1ª Conferência do Negro Brasileiro e o 1 Congresso do Negro Brasileiro serão a expressão desta tomada de posição.

O TEN E A 1ª CONFERÊNCIA DO NEGRO BRASILEIRO DE 1949

Na terceira página da edição de 9 de dezembro de 1949, Quilombo publicou o artigo intitulado “Conferência do Negro Brasileiro”. Nele, o articulista do jornal faz a primeira referência à organização da Conferência preparatória para o 1º Congresso do Negro Brasileiro a ser realizado no ano seguinte. A organização da Conferência estaria a cargo de Edison Carneiro, Guerreiro Ramos, **Raymundo Souza Dantas**, Sebastião Rodrigues Alves, entre outros (Quilombo. n.º1. Rio de Janeiro. 9 de dezembro. 1948, p.1).

Em “Conferência do Negro Brasileiro” mais uma vez é retomada a preocupação dos organizadores em demarcar o caráter científico do encontro. A proposta de reunião estaria “despida de qualquer tendência político partidária”. Pelo contrário, a preocupação dos organizadores seria com o tratamento de temas acadêmicos: “exclusivamente com estudos dos problemas de antropologia e sociologia relacionada ao negro”. O objetivo do evento seria o preparo de um “Congresso dos Negros” de âmbito nacional, o qual receberia representação de todo o país para o debate em torno “das questões básicas para o progresso da gente de cor” (Quilombo. n.º1. Rio de Janeiro. 9 de dezembro. 1948, p.1).

Se a Conferência preparatória para o 1º Congresso Negro Brasileiro não se prestaria a determinados fins políticos, seu discurso acadêmico poderia tornar-se subsídio para tais fins. A utilização de teses e argumentos acadêmicos somados ao apoio dos intelectuais formariam as estratégias de uma ação política que visava garantir e ampliar as demandas dos movimentos sociais dos afrodescendentes em torno do “progresso da gente de cor”. Ao mesmo tempo a realização do evento corrobora com a defesa de um campo de estudo, em desenvolvimento, agora acrescido da participação mais preeminente de intelectuais afrodescendentes.

Ao Quilombo caberia, desde aquele momento, assumir a divulgação do futuro evento. Com esse apoio o jornal objetivava subsidiar a formulação de diretrizes para o “desenvolvimento cultural e social dos negros brasileiros”, de modo a promover a superação daquilo que, na interpretação dos articulistas, seriam as razões de parte do “estado de atraso em que se encontrava o preto [que] é o desconhecimento que eles têm de si próprios,

Raymundo de Souza Dantas

Nasceu em Estância, Sergipe, no dia 11 de fevereiro de 1923 e faleceu no Rio de Janeiro em 2002, foi cotista, romancista, jornalista, ensaísta e diplomata brasileiro, em Gana e Argentina. Foi o primeiro afrodescendente brasileiro a assumir tal função.

daquilo que representavam na formação da civilização brasileira”. Ou seja, em parte, solução para algumas reivindicações defendidas pelo movimento negro dependeria da autoconsciência, por parte dos afrodescendentes, de seu papel e sua contribuição para a civilização brasileira (Quilombo. n°1. Rio de Janeiro. 9 de dezembro. 1948, p.3).

Para a 1ª Conferência do Negro Brasileiro, seriam convidados todos os intelectuais e artistas que em alguma medida estivessem preocupados com o desenvolvimento da temática negra, na antropologia, folclore, filologia, música, sociologia, religião e arte. Entre os nomes citados como estando dentro deste perfil estavam “Gilberto Freyre” e “Arthur Ramos” (Quilombo. n°2. Rio de Janeiro. 1948, p.3).

No dia nove de maio de 1949 teve início as atividades da Conferência Nacional do Negro. A edição de Quilombo daquele mês trazia na manchete a notícia da abertura dos trabalhos da Conferência: “instala-se hoje a Conferência Nacional do Negro, cujo principal objetivo é formular uma agenda de temas para o 1º CONGRESSO DO NEGRO BRASILEIRO, a realizar-se em 1950, comemorativo do centenário da abolição do tráfico de escravos”. (Quilombo. n°1. Rio de Janeiro. 9 de dezembro. 1948, p.1). Na base da página uma pequena nota informa ao leitor sobre a presença da imprensa internacional. Apesar de diminuta ela é bastante significativa, pois aponta para o reconhecimento e legitimidade, conferida ao evento, através dessa cobertura: “Na qualidade de enviado especial do ‘The Pittsburgh Courier’ junto à Conferência Nacional do Negro, é esperado hoje nesta capital o eminente jornalista George Schuyler” (Quilombo. n° 2. Rio de Janeiro. 9 de maio. 1949, p.1)..

George S. Schuyler nasceu nos Estados Unidos da América, em 25 de fevereiro de 1895 e foi um dos *The Pittsburgh Courier*. Em 1931 foi correspondente do *New York Evening Post* quando investigou acusações de escravidão na Libéria, Oeste da África. Em 1948 visitou a capital dos Estados Unidos onde investigou a situação dos direitos civis (SILVA, 2009, 2005). Em entrevista Dona Ruth de Souza confirma a visita do intelectual ativista norte-americano: “uma vez veio um senhor... como se chama... Ai meu Deus do céu... Diretor do *Pittsburgh Courier*, Doutor Schuyler, Mister Schuyler, veio ao Brasil, fazendo... ele ficou, foi ver o nosso espetáculo, fez uma entrevista, e depois quando eu fui aos Estados Unidos, ele me recebeu em Nova Iorque muito bem. Ele era correspondente do *Pittsburgh Courier*, um jornal americano” (SILVA, 2005).

Na expectativa do articulista a Conferência de 1949 teria um caráter consultivo e daria voz aos intelectuais e aos líderes do movimento negro, bem como à própria população afrodescendente presente no evento. E não possuía caráter ideológico ou político-partidário.

O “1º Congresso do Negro Brasileiro de 1949”, foi o nome dado ao artigo publicado no terceiro número do Quilombo. Nele encontramos o “Temário aprovado por unanimidade a 13 de maio de 1949, na sessão solene de encerramento da Conferência Nacional do Negro”. Assinado pelos membros da Comissão organizadora da Conferência Nacional do

Negro: Guerreiros Ramos, Edison Carneiro e Abdias do Nascimento, o artigo noticia a convocação feita, a partir daquele evento do “1º Congresso do Negro Brasileiro”. A realização do Congresso seria uma iniciativa do Teatro Experimental do Negro em comemoração ao centenário da abolição do Tráfico Internacional de Escravos. O evento se daria entre os dias 26 de agosto e 4 de setembro de 1950. O artigo reitera a posposta de articulação entre os intelectuais e a população afrodescendente, construída na Conferência Nacional do Negro. Estariam convidados a colaborar com o evento intelectuais de diversas áreas de conhecimento como escritores, historiadores, antropólogos, folcloristas, musicistas, sociólogos. Ao mesmo tempo o artigo solicita a participação da população de afro-descendentes – “negros e mulatos, homens do povo” – de modo a possibilitar que o Congresso seja uma expressão de suas expectativas (Quilombo. n.º3. Rio de Janeiro. junho. 1949, p. 5).

O Temário publicado no Quilombo, para o 1º Congresso do Negro Brasileiro, é composto de seis partes: História, Vida Social, Sobrevivências Religiosas, Sobrevivências Folclóricas, Línguas, e Estética. Talvez por isso a Conferência Nacional do Negro conclamava os intelectuais das mais diversas áreas “a prestigiar, com sua colaboração, a realização do Congresso”, dentre os quais Arthur Ramos (Quilombo. n.º3. Rio de Janeiro. junho. 1949, p. 5).

Nas páginas seis e sete da edição de junho 1949, Quilombo publicou “A Conferência Nacional do Negro”. Seu subtítulo expressa bem os objetivos e seu caráter descritivo: “Como decorreram os trabalhos do importante conclave cultural”. Segundo o artigo o evento foi “Um acontecimento de excepcional relevância na vida dos homens de cor do país”. Após uma referência aos organizadores da “Conferência” o artigo relaciona os representantes de instituições ligadas ao movimento negro, presentes no evento. Do exterior compareceu o “enviado especial do “The Pittsburgh Courier”, o escritor e jornalista, George S. Schuyler. Na análise do artigo a presença do senhor Schuyler seria o testemunho “mais significativo da importância nacional e internacional desse evento” (Quilombo. n.º3. Rio de Janeiro. junho. 1949, p. 6).

Após a listagem dos nomes dos participantes da abertura ocorrida no dia nove de maio a matéria apresenta as teses debatidas no evento. Roger Bastide enviou a tese “Ilhas Culturais, Consciência de Cor e Enquistamento Étnico” a qual foi lida por Guerreiro Ramos. Sem participar pessoalmente do evento, Bastide expressou o seu apoio enviando a tese e um telegrama de felicitação aos coordenadores da Conferência. Após cinco dias de atividades a Conferência teve seu encerramento na noite do 13 de maio. A sessão solene de encerramento foi presidida pelo Sr. Paul Vanordeu Shaw, representante da ONU. Nela, Edson Carneiro leu a convocação ao 1º Congresso do Negro do Brasil e a seguir passou a palavra a Arthur Ramos: “a quem coube proferir o discurso de encerramento do conclave”. A participação de Ramos indica o nível de seu envolvimento com as demandas político-acadêmicas vinculadas ao movimento negro. Na condição de um dos mais

importantes pesquisadores do sistema intelectual internacional de reflexão acerca do papel da população e culturas de origem africana em formações social do Novo Mundo, Arthur Ramos colocava o seu prestígio a serviço dos movimentos sociais. Ao dar o seu apoio à Conferência Nacional do Negro, Arthur Ramos compartilhava sua autoridade intelectual e prestígio internacional com o movimento negro no Brasil e no exterior.

CONCLUSÃO

Nesta aula você pôde acompanhar uma síntese da história das organizações negras ao longo dos séculos XIX e XX. Procuramos enfatizar o papel relevante desempenhado pelas mulheres. Assim como o controle da polícia política, da década de 1930, em relação a esses grupos. Nossa aula também analisou o surgimento do Centro de Cultura Afro-Brasileira, A Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro. Sendo este um grupo fundado com o objetivo de denunciar as práticas racistas estabelecidas nos palcos brasileiros e criar espaços para a formação e atuação dos atores afrodescendentes ao longo do tempo e que tem a sua ação expandida e apóia/organiza diversos eventos como o a Convenções do Negro de 1945 (São Paulo) e 1946 (Rio de Janeiro) e organizou a 1ª Conferência do Negro Brasileiro de 1949 e o 1 Congresso do Negro Brasileiro de 1950.



RESUMO

Nossa aula apresenta um panorama sintético do surgimento e organização de diversas associações negras ao longo do séculos XIX E XX. Enfatizamos a face feminina desse ativismo negro. Além desses aspecto também analisamos o controle estabelecido pela Polícia Política dos anos trinta sobre a Frente Negra Brasileira e o Centro de Cultura Afro-Brasileiro. Nesse processo de luta empreendido pelos ativistas negros merece relevo a fundação do Teatro Experimental do Negro e a sua atuação fora dos palcos brasileiros. São atividades de apoio e/ou organização de eventos como as Convenções do Negro de 1945 (São Paulo) e 1946 (Rio de Janeiro) e organizou a 1ª Conferência do Negro Brasileiro de 1949 e o 1 Congresso do Negro Brasileiro de 1950. Encontros que na visão dos organizadores e participantes são um contraponto aos trabalhos e atividades desenvolvidas pelos Congressos de 1934 (Recife) e 1937 (Bahia). No sentido de oferecer uma nova perspectiva, em relação àqueles estudos, contemplando a busca para as soluções das demandas das populações afrodescendentes como “problema do negro”.

ATIVIDADES

O manifesto divulgado pelas Convenções do Negro de 1945 relata ter feito uma investigação das condições sociais, culturais e econômicas em que se encontrava a população afrodescendente no Brasil.

1. Leia a página 11 da resolução 1/2004 CNE/CP a seção que propõe políticas de reparações, de reconhecimentos e valorização de ações afirmativas.
2. Estabeleça os pontos de aproximação e distinção entre o conteúdo do manifesto da convenção do Negro de 1945 e o texto da resolução.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Após a leitura da aula e a feitura da atividade o aluno saberá que o processo de mobilização das associações negras nos séculos XIX e XX faz parte da luta desses setores para garantir a igualdade racial em nossa sociedade.

PRÓXIMA AULA

Nesta aula vimos o processo de mobilização das associações negras nos séculos XIX e XX enfatizando a ação do TEN fora dos palcos. Na próxima aula veremos a ação de grupo/movimento negro no interior dos palcos dos teatros.

**AUTOAVALIAÇÃO**

Sou capaz de compreender as razões das mobilizações das associações negras nos séculos XIX e XX, em seu processo de luta por igualdade racial?



REFERÊNCIAS

- DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- GOMES, Flávio. **Negros e política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2005.
- MATTOS, Hebe. **Marcas da escravidão: Biografia, Racialização e Memória do Cativo na História do Brasil**. (Tese) Titular-UFF, 2004.
- SCHUMACHER, Shuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.
- SILVA, Júlio Cláudio da. **Relações raciais, gênero e memória: a trajetória de Ruth de Souza entre o Teatro Experimental do Negro e o Karamu House (1945-1950)**. Exame de Qualificação de Doutorado, PPGH-UFF, 2009.
- SILVA, Júlio Cláudio da Silva. **O nascimento dos estudos das culturas africanas, o Movimento Negro no Brasil e o antirracismo em Arthur Ramos (1934-1949)**. Dissertação de Mestrado. Niterói, PPGHS-UFF, 2005.